

## Escritas negras femininas: algumas leituras de resistência

*Black female writings: some readings of resistance*

Adriele de Jesus Oliveira\*

*Universidade Estadual de Feira de Santana*  
Feira de Santana, Bahia, Brasil

Mírian Sumica Carneiro Reis\*\*

*Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira*  
São Francisco do Conde, Bahia, Brasil

**Resumo:** A literatura feminina de autoria negra vem ganhando espaço na cena literária brasileira a partir de vozes como a de Conceição Evaristo que, além de escritora ficcional, é professora e doutora em literatura. Este artigo apresenta algumas formas de expressão de feminilidade negra a partir da leitura dos poemas “Eu-mulher” e “A noite não adormece nos olhos das mulheres”, ambos publicados no livro *Poemas de recordação e outros movimentos*. A leitura é orientada teoricamente pelos estudos de Carneiro (2019); Collins (2019); Davis (2016) Evaristo (2005) e Gonzalez (1984), entre outros autores.

**Palavras-chave:** Literatura. Negra. Feminina. Brasileira.

**Abstract:** The female literature of black authorship has been gaining space in the Brazilian literary scene from voices such as that of Conceição Evaristo who, besides being a fictional writer, is a professor and doctor in literature. This article presents some forms of expression of black femininity from the reading of the poems "I-woman" and "The night does not fall asleep in the eyes of women", both published in the book *Poems of Remembrance and other movements*. The reading is theoretically oriented by the studies by Carneiro (2019); Collins (2019); Davis (2016) Evaristo (2005) and Gonzalez (1984), among other authors.

**Keywords:** Literature. Black. Feminine. Brazilian.

\* Mestra em Estudos Literários pela Universidade Estadual de Feira de Santana (PROGEL – UEFS). Feira de Santana – Bahia – Brasil. E-mail: [adrieleletras@gmail.com](mailto:adrieleletras@gmail.com).

\*\* Doutora em Ciência da Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora Adjunta da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB) e do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da Universidade Estadual de Feira de Santana (PROGEL – UEFS). Bahia – Brasil. E-mail: [miriansumica@unilab.edu.br](mailto:miriansumica@unilab.edu.br).

*Nem todo viandante  
Anda estradas,  
Há mundos submersos,  
Que só o silêncio  
Da poesia penetra*  
(EVARISTO, 2017, p. 122).

## INTRODUÇÃO

A literatura ocidental, como espaço de prestígio, foi por muito tempo restrito a atuação masculina e branca. No Brasil, a formação da sociedade teve como base valores patriarcais intrínsecos do sistema escravocrata, que ditaram – ditam – estruturas subalternizantes e invisibilizadoras. A reconhecida pesquisa organizada pela professora Regina Dalcastagnè (2011) denuncia como essa estrutura racista-sexista afeta a produção e publicação de literatura no Brasil: nas editoras de maior circulação e prestígio, o perfil de publicações privilegia o homem branco heteronormativo do Sudeste que escreve histórias de seus iguais.

Lélia Gonzalez, no artigo *Racismo e sexismo na cultura brasileira* (1984), denuncia que a hierarquização de saberes é um produto de classificação social, pois quem possui o privilégio social, possui também o privilégio epistêmico, já que o protagonismo universal da ciência é branco e masculino. A legitimação dessa hierarquização consagrou o *status* de pretensa superioridade à episteme eurocêntrica, definindo o pensamento ocidental como único conhecimento de prestígio, colocando-o como dominante e definindo quem é autorizado a falar ou não e quais discursos são legitimados ou não.

Na Europa, no século XIX, algumas mulheres se atreviam a burlar a ordem vigente, inserindo-se na produção literária, mas devido à repressão da época, a escrita feminina aparecia através do anonimato, com a utilização de pseudônimos masculinos. Neste mesmo século, aqui no Brasil, é publicado, em 1859, o romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis (2018), assinado com o pseudônimo “Uma maranhense”, justamente por causa da coibição à escrita feminina na época. Contudo, apesar de seguir a prescrição do anonimato, Maria Firmina já se coloca como voz insurgente: ao assinar seu romance como sujeito feminino nordestino, “uma maranhense”, a autora marca seu lugar de escrita. Maria Helena Pereira Toledo Machado, no texto *Maria Firmina dos Reis: invisibilidade e presença de uma romancista no Brasil do século XIX ao XXI* (2018), afirma que, ao marcar o gênero na autoria da obra, Reis subverte a sonegação do direito de participar na produção literária do país imposto a negros e negras. Sua atitude de ousadia em publicar uma obra, diante do contexto de repressão sexual e racial, se constituiu uma porta aberta para que outras pessoas oprimidas pelo sistema também aderissem à luta pelo direito à escrita e pelo direito à liberdade.

Maria Firmina dos Reis publica o primeiro romance abolicionista brasileiro, com uma escrita engajada e dotada de uma estética única, que resgata identidades negras, rebatendo discursos etnocêntricos e estereotipados. O romance *Úrsula* apresenta um enredo ultrarromântico centrado no amor trágico e impossível de dois jovens brancos, mas com uma abordagem crítica à escravidão e ao regime do patriarcado, apontando, já

naquela época, para as intersecções entre raça e gênero. A autora introduz no seu texto uma quebra com os padrões narrativos ao dar voz a personagens africanos e afro-brasileiros, que ganham visibilidade como sujeitos conscientes de sua condição dentro do sistema escravocrata brasileiro. O negro, na narrativa de Reis, não é silenciado e tem o espaço de expor seus pensamentos acerca das desumanidades cometidas com seu povo desde a diáspora. É o que se pode perceber na seguinte passagem, em que a personagem Suzana lembrava da vida-liberdade que tinha na África, antes de ser sequestrada para cumprir a sentença da escravidão:

[...] Sim, para que estas lágrimas?!... Dizes bem! Elas são inúteis, meu Deus; mas é um tributo de saudade, que não posso deixar de render a tudo quanto me foi caro! Liberdade! Liberdade... ah! eu a gozei na minha mocidade! - Túlio, meu filho, ninguém a gozou mais ampla, não houve mulher alguma mais ditosa do que eu. Tranquila no seio da felicidade, via despontar o sol rutilante e ardente do meu país, e louca de prazer a essa hora matinal, em que tudo se respira amor, eu corria às descarnadas e arenosas praias, e aí com minhas jovens companheiras, brincando alegres, com o sorriso nos lábios, a paz no coração, divagávamos em busca das mil conchinhas, que bordam as brancas areias daquelas vastas praias (REIS, 2020, p. 120-121).

Mesmo sendo publicado em 1859, *Úrsula* só recebeu a atenção devida mais de um século depois, em 1970, quando o historiador Horácio de Almeida encontrou o texto e, percebendo que ali estava uma grande obra literária, decidiu republicá-la. Foi a partir daí que a autora ganhou visibilidade e começou a ser estudada por vários pesquisadores, dando origem a artigos, dissertações e teses.

*Úrsula* é considerado o texto literário abolicionista brasileiro, pois antecede a poesia de Castro Alves, cuja primeira obra publicada data de 1865, e o romance *As vítimas-algozes*, publicado em 1869, por Joaquim Manoel de Macedo, além disso é uma obra de autoria feminina e negra. Nesse sentido, Maria Firmina dos Reis representa a iniciação da inserção de escritores negros na produção literária brasileira e o surgimento de um corpus literário específico.

Reconhecer a importância da escrita de Maria Firmina dos Reis é elemento fundamental para o cumprimento do que Florentina Souza, no ensaio “Literatura Afro-brasileira: algumas reflexões”, considera como papel da visibilidade de uma genealogia da literatura afro-brasileira, pois, “para além da importância como registro histórico, tal genealogia da textualidade afro-brasileira exerce o papel fundamental de constituir lugares de memória fundamentais como estímulo à ação dos escritores e leitores mais jovens” (SOUZA, 2005, p. 67).

Considerando que uma das práticas do racismo para manter a condição de subalternidade de grupos sociais é apagar as memórias dos sujeitos, demonizando suas tradições e cultura, a valorização de uma genealogia literária negra e feminina é um exercício indispensável para a reconstrução de memórias e valores subjugados ao longo do tempo. No ensaio *Literatura negra: uma poética de nossa afrobrasilidade* (2009), Conceição Evaristo afirma que a literatura negra é “uma produção escrita marcada por uma subjetividade construída, vivenciada a partir da condição de homens negros e mulheres negras na sociedade brasileira” (EVARISTO, 2009, p. 17). Essa condição, marcada pela

reificação e violência, apresenta-se nas obras contemporâneas a partir de ecos de vivências ancestrais, que reverberam em novas vozes, comprometidas com a reescrita de memórias silenciadas, partindo de um método éticos e estéticos próprios, a que Evaristo conceituou como *escrevivência*.

Através da literatura negra, a história dos afrodescendentes pode ser contada por eles mesmos. A escrita negra conta a versão da história de pessoas que tiveram suas vidas roubadas pela escravidão, de mães que viram seus filhos serem vendidos como mercadoria e nada puderam fazer para impedir; de mulheres que foram abusadas sexualmente e açoitadas, de homens e mulheres que trabalharam arduamente sob a lei do chicote para enriquecer os brancos donos do poder. E, mesmo depois da abolição, homens negros e mulheres negras não pararam de lutar por liberdade, em virtude de se perpetuar um racismo estrutural enraizado socialmente e referendado em práticas de exclusão social e de sonegação de direitos.

A partir da literatura negra de autoria feminina tem-se afirmado outro lugar ainda mais específico na produção literária brasileira. Esse lugar de escrita não se centra apenas nas questões raciais, mas parte de uma dupla carência, pois esse sujeito que se enuncia na escrita não é nem branco nem homem. Mulheres negras têm utilizado a linguagem literária para externar seus conflitos e demandas, promovendo reflexões acerca do que é ser mulher e negra no contexto social quando ainda operam imagens, discursos, ideias, textos que reafirmam práticas racistas e sexistas.

Essas vozes se insurgem contra as representações em que a mulher negra aparece na ficção presa ainda ao passado de escravidão, em que era vista como um corpo que servia como força no trabalho nas lavouras; um corpo-procriação para a reprodução da força de trabalho e um corpo-objeto para o prazer do homem branco. Ao longo do tempo, na literatura do Ocidente, a personagem feminina negra não é retratada como musa, heroína, mas aparece como a mãe-preta, a empregada, a prostituta, como será demonstrado na leitura de dois poemas de Conceição Evaristo.

## **MULHERES NEGRAS – RETRATOS DA FEMINILIDADE EM DOIS POEMAS DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

No período escravocrata, as mulheres negras eram as mais atingidas pela brutalidade da desumanização, pois, além dos açoitamentos e mutilações, eram exploradas sexualmente, tanto para fins reprodutivos quanto para saciar a lascívia dos opressores. O estupro significava o domínio do econômico proprietário e o controle do feitor sobre as negras, na função de trabalhadoras. Enquanto as *sinhazinhas* estavam no conforto da casa grande, as mulheres escravizadas trabalhavam arduamente nas lavouras, na condição de unidade de trabalho lucrativo. Eram desprovidas de gênero, pois “como escrava, essas mulheres tinha todos os outros aspectos de sua existência ofuscados pelo trabalho compulsório” (DAVIS, 2016, p.17). Assim, mulheres negras sempre trabalharam. Por ser alvo das maiores opressões, eram obrigadas a serem fortes e a lutar pela defesa de sua integridade física e sexual. A respeito disso, Davis diz:

[...] essas mulheres podem ter aprendido a extrair das circunstâncias opressoras de sua vida, a força necessária para resistir à desumanização diária da escravidão. A consciência que tinham de sua capacidade ilimitada para o trabalho pesado pode ter dado a elas a confiança em sua habilidade para lutar por si mesmas, sua família e seu povo (DAVIS, 2016, p. 24).

No regime escravocrata, a mulher negra não era vista como esposa, mãe e dona-de-casa por seu proprietário, mas só quando era conveniente explorá-las e puni-las de forma cabíveis restritamente às mulheres, elas eram colocadas apenas na condição de fêmea, já que eram vistas como força de trabalho necessária à produção agrícola e à reprodução da mão-de-obra escrava. Para atender os interesses da exploração, não havia hierarquia na comunidade escrava, visto que tanto homens negros como mulheres negras e crianças estavam subordinados a seu proprietário. As mulheres negras não podiam ser tratadas como sexo frágil, já que eram trabalhadoras e os já os homens negros eram desprovidos da supremacia masculina, para evitar o risco de romper com o sistema de dominação, ou seja, as relações homem-mulher no seio da comunidade escrava não podiam ser similares ao modelo da ideologia hegemônica. Assim, os sujeitos escravizados eram tratados em tom de igualdade: força de trabalho indispensável à geração de lucros.

Mesmo no período pós-abolição, a ideologia da feminilidade do século XIX, que dava ênfase à identidade da mulher como mãe e dona do lar, não contempla a mulher negra, pois além de exercer papéis femininos, tinham que trabalhar para ajudar no sustento da família, ou sustentar a família sozinha, já que o fator raça a colocava na classe desprivilegiada. Essas mulheres deixaram para suas descendentes femininas, um legado de trabalho duro, de resistência e de persistência na luta contra a discriminação de gênero e raça. O eco das vozes dessas mulheres responde através da geração de mulheres negras pós-abolição, que não se conformaram com o falso fim da escravidão e vem realizando uma luta diária contra o sistema da supremacia masculina e branca. Essas mulheres vêm produzindo narrativas de resistências, colocando negros e negras como protagonistas de sua própria história, vêm criando políticas arrebatadoras, gritando forte pelo direito de ocupar os espaços de dominação masculina e branca, exigindo representatividade no campo das decisões e de prestígio social., quando “escritoras negras buscam inscrever no corpus literário brasileiro imagens de uma autorrepresentação” (EVARISTO, 2009, p.54).

A literatura afro-feminina produz narrativas e poéticas em que o corpo-mulher-negra ganha autonomia e se impõe como sujeito-mulher-negra, a partir da subjetividade própria de ser mulher negra. Os versos e linhas narrativas de autoria feminina negra produzem discursos contra hegemônicos, propõem reflexões sobre as opressões de raça e gênero e dão visibilidade às vozes femininas negras excluídas por muito tempo da produção literária. Dessa forma, a literatura afro-feminina dá novos caminhos para a representação da mulher negra na literatura brasileira, conferindo ao feminino negro o direito de ocupar um lugar na escrita a partir de *escrevivências* - termo criado por Conceição Evaristo, para expressar as múltiplas representações de subjetividades a partir de memórias que ficcionalizam as vivências de mulheres negras e produzem (re)existências

A pesquisadora Serafina Ferreira Machado afirma, no artigo *Literatura afro-feminina: uma escrita de cobrança* (2012), que a vertente literária denominada literatura afro-feminina é, por excelência, representativa da cultura afro-brasileira e problematiza o lugar que o negro ocupa e o lugar que pleiteia na esfera social. A escritura afro-feminina traz, nos versos poéticos e nas linhas narrativas, personagens que facilmente são encontrados nas favelas, subúrbios, morros, terreiros, ou seja, espaços marginalizados. Nessa produção, os sujeitos negros saem do lugar de subserviência, deixam de encenar papéis de empregada doméstica, de motorista, da mulata “gostosa” ou do bandido favelado, para assumir papéis principais. Protagonizam não só enredos ficcionais, mas se tornam protagonistas e donas das próprias histórias.

Assim, a linguagem se constitui um instrumento de poder, haja vista que ela possibilita a imposição de ideologias, materializa e faz circular constructos sociais. Silenciar a quem se deseja manter na condição de subalterno é uma estratégia assegurar a dominação. Segundo Orlandi (1995), o silenciamento é “por em silêncio” e não “estar em silêncio”, assim, o silêncio produz significados, ao passo que se conecta com a história e suas ideologias. O silenciamento negro relaciona-se a ideias e pensamentos de inferiorização dos que são considerados diferentes.

Nesse sentido, compreender o silêncio se traduz em avaliar a relação com o outro. O falar e o falar-se são importantes nesse tipo de escrita, assim como a construção do “eu” por meio da palavra. A escrita criativa dessas mulheres rebate ditos e ditados oriundos de uma mentalidade etnocêntrica que atribuem imagens fixas, carregadas de estigmas e estereótipos, ao sujeito feminino e negro, e confere a esses sujeitos a humanidade negada. Há então o rompimento com silenciamentos que obrigaram mulheres e homens negros a “acatar, na ordem simbólica, esse tipo domesticado de comportamento fixo, estereotipado” (MACHADO, 2012, p. 138), como se poder ler, por exemplo, na obra *Poemas da Recordação e outros movimentos*, de Conceição Evaristo (2017).

Nesse livro, publicado em 2008, assim como na maioria de suas produções, Evaristo apresenta a memória como elemento norteador do discurso, que se constitui uma forma de resistência utilizada pelos intelectuais negros, pois a memória possibilita a afirmação de identidade de um grupo, preserva os costumes, tradições e o acervo cultural de um povo.

Na obra, a ênfase é dada à memória da mulher negra. Desse modo, muitos poemas recorrem à memória individual da autora, momentos de sua infância e a vivência com sua mãe, porém essa memória também é coletiva, pois o sujeito que se enuncia ao falar de si nos poemas traz à tona a condição da mulher negra no contexto do patriarcado escravocrata e no pós-abolição, seguindo o conceito de escrevivência cunhado pela própria Conceição Evaristo.

No poema *Da mulher, o tempo*, o tempo é marcado no corpo, em insígnias de dores, experiências, esperanças:

A mulher mirou-se no espelho do tempo  
Mil rugas (só as visíveis) sorriram  
Perpendiculares às linhas  
das dores [...].

A mulher mirou-se no espelho de suas águas:  
-dos pingos lágrimas  
À plenitude da vazante.  
E no fluxo e refluxo de seu eu  
Viu o tempo se render [...] (EVARISTO, 2017, p. 38 - 39).

Nesse trecho do poema, o espelho constrói múltiplos sentidos, pois ele não tem só a função de projetar a imagem de um rosto, mas indica o reconhecimento da passagem do tempo. É um espelho de águas, em alusão a Oxum, orixá da maternidade e da feminilidade. As rugas daquela mulher desvelam dores suas e de suas antepassadas, através do “espelho de suas lágrimas: - dos pingos de lágrimas” (Idem). Além disso, a segunda estrofe do poema apresenta outra metáfora do espelho, através dos olhos da personagem, superando a representação comum do aparelho visual limitado às imagens de fora. Eles se tornam “janelas da alma” ou “espelho da alma” e refletem as lágrimas insubmissas, em que cada pingo fortaleceu essa mulher para continuar resistindo e enfrentando as barreiras sociais geradas pelo gênero e pela raça. O poema *Da mulher, o tempo* revela a força criativa da autora e o uso da palavra para além do utilitarismo. A autora explora a carga semântica dos vocábulos produzindo sentidos que libertam, propõem reflexões, subversões e (re)existências.

Tanto neste poema brevemente apresentado, como nos dois que serão objeto de leitura desse artigo, Conceição Evaristo examina o presente a partir do reconhecimento e afirmação de passado suprimido na história oficial e nas narrativas da nação, pois resgata subjetividades negras e a identidade perdida na diáspora. Assim, a escrita de Conceição Evaristo é marcada, segundo Silva (2018), por uma poética da ancestralidade. A autora traz para a cena literária performances de um eu-comunitário dedicado em propor discussões sobre questões étnicas e de gênero, necessárias a (re)construção da identidade negada e subvalorizada pelas configurações do patriarcado racista. O sujeito feminino é o epicentro da poética e das narrativas de Evaristo. Por meio da palavra-resistência, a autora traz dores, anseios, revoltas e insubmissões desse sujeito que não é nem homem nem branco nem judaico-cristão, como se pode notar no poema *Eu-mulher*.

### **Eu-mulher**

Uma gota de leite  
me escorre entre os seios.  
Uma mancha de sangue  
me enfeita entre as pernas  
Meia palavra mordida  
me foge da boca.

Vagos desejos insinuam esperanças.  
Eu-mulher em rios vermelhos  
inauguro a vida.  
Em baixa voz  
violento os tímpanos do mundo.

Antevejo.  
Antecipo.  
Antes-vivo

Antes - agora - o que há de vir.  
Eu fêmea-matriz.  
Eu força-motriz.  
Eu-mulher  
abrigo da semente  
moto-contínuo  
do mundo. (EVARISTO, 2017, p. 23)

Os primeiros versos da primeira estrofe “Uma gota de leite/ me escorre entre os seios/ Uma mancha de sangue/ me enfeita entre as pernas” (Idem) apresentam a imagem de um corpo-mulher que acaba de perder o filho que carregava no ventre, pois a gota de leite que escorre entre o seio pode significar o leite que não dará a seu filho e a mancha de sangue entre as pernas simboliza o aborto. Um aborto que pode ser espontâneo, ou pode ter conotações profundas de um corpo que não suportou a opressão interseccional e cortou a vida antes que nascesse.

Já os versos que seguem se contrapõem aos primeiros versos, pois falam de uma vida que consegue nascer: “Vagos desejos insinuam esperanças/ Eu-mulher em rios vermelhos/ inauguro a vida/ Em baixa voz/ violento os tímpanos do mundo” (Idem). Esses versos trazem a voz feminina consciente do domínio masculino, mas acredita na transformação da sociedade, para tanto, mesmo diante do silenciamento imposto às mulheres, é preciso resistir e lutar contra um mundo que pertence aos homens. Enfatiza a força feminina e sua posição de agente transformador da realidade de opressões e de desigualdades. Uma força feminina negra que emerge desde os tempos mais rigorosos da opressão racial e de gênero, que é o período da dominação patriarcal e escravocrata no Brasil Império. Essa força segue firme no presente, derrubando práticas legitimadoras das desigualdades entre as pessoas e que está preparada para o que há por vir, resistindo sempre. Isso se revela no verso “Antes - agora – o que há por vir” (Idem).

A afirmação da identidade de mãe, que é recorrente na escrita de Conceição Evaristo, poderia ser entendida como um desvio em direção a uma concepção essencialista da função da mulher na sociedade atual. Essa visão é desfeita a partir do conhecimento histórico de que a maternidade foi negada à mulher negra, pois no período escravocrata, “[...] as escravas eram classificadas como ‘reprodutoras’, e não como ‘mães’, suas crianças poderiam ser vendidas e enviadas para longe, como bezerros separados da vaca” (DAVIS, 2016, p. 19-20).

Para que a mulher escravizada se tornasse a mãe preta da criança branca, era negado o direito de ser mãe do filho preto, assim, na posição de ama de leite, ela reconhecia, no impedimento do exercício da maternidade, a negação de sua feminilidade, pois mesmo exercendo uma função feminina, que é amamentar, ela não passava de um objeto que estava servindo ao interesse da supremacia branca. Desse modo, a mulher negra era obrigada a deixar de amamentar seu filho, visto que a vida deste não tem a mesma importância se comparada à vida do filho da mulher branca. Ou seja, a mulher escravizada

tinha seu exercício de mãe usurpado, pois a prioridade era alimentar a prole dos brancos. Esse fato só afirma as condições subumanas impostas pelos escravismo, e o quanto as mulheres negras tinham que ser fortes para suportar tanta opressão.

Patricia Hill Collins, no livro *Pensamento feminista negro* (2019), fala sobre imagens de controle e opressão das mulheres negras afroamericanas. A autora cita a primeira imagem de controle aplicada a mulher negra: a *mammy* – serviçal fiel e obediente. A *mammy* foi “criada para justificar exploração econômica das escravas domésticas e mantida para explicar o confinamento de mulheres negras ao serviço doméstico” (COLLINS, 2019, p.140). A imagem da *mammy* simboliza o padrão normativo utilizado para avaliar o comportamento das mulheres negras de forma geral. A *mammy* cuida, alimenta e ama os filhos das famílias brancas mais do que seus próprios filhos.

Os versos “Eu-mulher/ abrigo da semente/ moto-contínuo/ do mundo” (EVARISTO, op. cit., p. 23) desenha a imagem da mulher mãe, ela é quem abriga a vida e é responsável pela manutenção da espécie humana, e é o motor de que faz a vida continuar. Assim esses versos marcam esse lugar de mãe que é inerente à mulher, que se constitui um direito de todas as mulheres. A imagem da maternidade construída no poema se contrapõe a imagem da mulher desprovida de gênero no regime escravista e retoma a memória da feminilidade usurpada e negada a mulher negra.

A imagem da maternidade que o poema traz pode ser associada também à África mãe, progenitora da humanidade, que tem seus filhos roubados pela diáspora forçada. No artigo *Representações da Mãe-África nas poesias moçambicana e afro-brasileira* (2012), a pesquisadora Donizeth Santos menciona que a ideia de uma África mãe foi um resgate das tradições africanas, gerado pelo movimento Pan-africanista, no final do século XIX e início do século XX. O Pan-africanismo tem o objetivo de unir os negros do continente africano e também os negros da diáspora, para assim potencializar as vozes negras no combate às opressões decorrentes da raça. Investir na construção da imagem da África mãe contribui para o fortalecimento cultural e ético dos negros, unindo os filhos de uma única mãe, pela busca das origens suprimidas pelo colonialismo europeu.

A maternidade negra também é ponto de reflexão no poema *A noite não adormece nos olhos das mulheres*:

#### **A noite não adormece nos olhos das mulheres**

A noite não adormece  
nos olhos das mulheres  
a lua fêmea, semelhante nossa,  
em vigília atenta vigia  
a nossa memória.

A noite não adormece  
nos olhos das mulheres  
há mais olhos que sono  
onde lágrimas suspensas  
virgulam o lapso  
de nossas molhadas lembranças.

A noite não adormece  
nos olhos das mulheres

vaginas abertas  
retêm e expulsam a vida  
donde Ainás, Nzingas, Ngambeles  
e outras meninas luas  
afastam delas e de nós  
os nossos cálices de lágrimas.  
A noite não adormecerá  
jamais nos olhos das fêmeas  
pois do nosso sangue-mulher  
de nosso líquido lembradiço – lembranças, memórias.  
em cada gota que jorra  
um fio invisível e tônico  
pacientemente cose a rede  
de nossa resistência (EVARISTO, 2017, p. 26-27).

No poema, a voz poética indica que a mulher tem um papel crucial na preservação da memória, como forma de resistência ao apagamento da cultura africana. Ela é símbolo de resistência, pois na condição de indivíduo mais oprimido pelas interseções de raça e gênero, na comunidade escrava, resistir era a única arma para se defender e conquistar a vida-liberdade para as futuras gerações. Mas a resistência acontece pacientemente, visto que a resiliência se transforma no mecanismo que concederá a liberdade.

Os versos “A noite não adormecerá/jamais nos olhos das mulheres” (Idem) se repetem em todas as estrofes do poema. Essa repetição intensifica a condição de sofrimento das mulheres negras, que, no pensamento interseccional, são vítimas da articulação de estruturas de opressão. Assim, elas não dormem e permanecem em vigília a espera do marido que saiu para trabalhar, ou do filho que ainda não chegou em casa. As mulheres, que não adormecem, são moradoras de periferias, mães solteiras de filhos negros, que sentem diariamente o peso das opressões decorrentes das interseções de raça, gênero e classe.

A mulher descrita no poema de Conceição Evaristo representa a realidade de muitas mulheres negras periféricas, que vão criando seus filhos da forma como podem, enfrentando a fome, a miséria, driblando a pobreza, em uma realidade em que também o direito reprodutivo é sonogado e acumulam-se desinformação, abusos, violência. A sexualidade dessas mulheres é também vilipendiada, oprimida pelo patriarcado e pelo racismo.

No livro *O feminismo é para todo o mundo* (2018), *bell hooks* afirma que uma das primeiras motivações para a criação do movimento feminista foi a sexualidade, no que tange ao direito de as mulheres escolherem quando e com que seriam sexuais. No momento que a revolução sexual estava no ápice, a questão da liberdade sexual trouxe outra situação importante: a gravidez indesejada. Para que houvesse igualdade de gênero em relação à liberdade sexual, as mulheres necessitavam ter acesso a métodos contraceptivos eficazes e ao aborto.

As mulheres brancas com privilégio de classe tinham mais chances de conseguir fazer um aborto do que as mulheres pobres de classe trabalhadora e as mulheres negras. Para essa categoria de mulheres só restava o aborto ilegal, que as colocava em risco, por não ser seguro. O direito de as mulheres decidir se querem ou não realizar o aborto

significa a liberdade reprodutiva, visto que sem acesso a abortos baratos, seguros ou gratuitos, as mulheres perdem todo o controle do seu corpo. Essas mulheres vão compondo o grupo de mulheres que não adormem, pois “há mais olhos que sono”, e precisam se manter vigilantes contra a opressão interseccional que são submetidas.

A ausência de políticas sociais que assegurem direitos básicos de cidadania para as mães solo das comunidades periféricas e para seus filhos ocasionam tensões sociais que levam ao genocídio das pessoas negras. Numa realidade de extrema pobreza e da falta de direitos, como saneamento básico, educação de qualidade, acesso atendimento de médico e moradia deixam as crianças das comunidades periféricas expostas ao tráfico e ao mundo do crime. Diante dessa realidade, como a noite pode adormecer nos olhos das mulheres? Essas mães não sabem se seus filhos chegarão vivos em casa ou virarão manchete de jornal.

As mulheres negras são as mulheres afetadas por essa realidade genocida, veem seus filhos serem mortos pela polícia ou por rivalidades dentro do próprio sistema do tráfico. Segundo Carneiro (2011), mulheres negras brasileiras tiveram sua experiência histórica marcada pela exclusão, pela discriminação e pela rejeição social. E, mesmo diante dessas contradições, mulheres negras não se curvam perante a opressão e revelam seu papel de resistência e liderança em suas comunidades em todo o Brasil.

É recorrente às mulheres negras buscarem inspirações nas ancestrais africanas para continuar resistindo às opressões. Buscam na África as raízes e origens, o culto aos orixás e evocação de figuras e símbolos de resistências. A luta pelo reconhecimento da religiosidade africana, o resgate dos ritos e manifestações artísticas e culturais que marcam a identidade esmagada pelo colonialismo, é uma forma de combater o racismo e de conquistar o direito de pertencer à África, mesmo estando fora dela. Constitui-se um grande desafio para negros em contextos multirraciais de histórico escravocrata, em que os valores ocidentais de perfil masculino e branco reinam. Nesse sentido, Evaristo, na sua poética, evoca personalidades femininas da África para fortalecer os laços Brasil-África e para marcar um lugar específico de resistência no poema.

Desse modo, há no poema uma memória histórica, pois o eu lírico recorre a heroínas africanas para marcar a resistência milenar da mulher negra, isso é dito nos versos “donde Ainás, Nzingas, Ngambeles/ e outras meninas luas/ afastam delas e de nós/ os nossos cálices de lágrimas” (Idem, grifos meus). O eu poético pede força e encorajamento a outras mulheres que foram guerreiras e lutaram para defender seu povo. A voz poética se espelha nessas guerreiras africanas para suportar a dura realidade de exploração e exclusões, e para não deixar morrer a esperança de conquistar a liberdade.

Sobre Nzinga, é importante mencionar que ela foi uma líder política e militar do reino Ndongo (atual Angola) que lutou contra a dominação portuguesa nas terras africanas, no século XVII. Ainda criança, começou a ser treinada para o combate e o uso de armas. Com oito anos de idade, Nzinga, acompanhou o séquito do pai, em uma batalha, como parte dos exercícios de guerra. Depois da morte do seu pai e do seu irmão, Nzinga assumiu o reino Ndongo, se tornando a rainha. Foi justamente no reinado de uma mulher, que os portugueses encontraram maior resistência para executar seus planos colonialistas no território de Angola. Nzinga era guerreira, valente, destemida e não estremeceu perante o colonialismo português. Seu nome causava terror entre os portugueses.

A respeito dos aspectos semânticos do texto, a imagem da noite tem uma conotação significativa para a mensagem do poema e remete a múltiplas interpretações. A noite é o momento de descanso, mas para a mulher negra periférica é difícil de cumprir esse ritual. Como ela pode descansar, sabendo que no dia seguinte há várias guerras para travar? Ela tem que lutar contra a fome, a violência e a miséria; precisa garantir a sobrevivência dos filhos e protegê-los dos perigos de um mundo que pertence aos brancos.

Outra leitura possível é que a noite representa escuridão, tristeza. Momento de lembranças, lembranças de sofrimento, em que choram por memórias passadas e veem as injustiças do presente, por isso que “há mais olhos que sono”. O sono seria a tranquilidade, mas não há como se ter tranquilidade enquanto as injustiças históricas continuam a assombrar no presente. O choro dessas mulheres não representa a fragilidade, mas a indignação, pois são lágrimas insubmissas, que resistem e lutam por melhores condições de vida. A indignação leva ação e a subversão de valores etnocêntricos e sexistas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os poemas *Eu-mulher* e *A noite não adormece nos olhos das mulheres* fortalecem a identidade de mãe atribuída às mulheres negras, em virtude de que a maternidade foi negada às mulheres negras na época da escravidão outorgada. Dessa forma, a reivindicação ao direito à maternidade para as mulheres de cor, presente nos poemas, busca recuperar a feminilidade esmagada pelo patriarcado branco e escravocrata e subverte as imagens de controle, derivadas da mãe preta e cuidadora da prole da família branca, que condenam mulheres negras a identidades estigmatizadas, de subserviência e falta de autonomia e inviabilizando o exercício da maternidade de dessas mulheres.

Os poemas também revelam as contradições sociais que atravessam as mulheres negras, vítimas da opressão interseccional, e que ainda são caracterizadas como protótipos de pobreza e fábrica de fazer “marginais”. Essas mulheres lutam diariamente contra a pobreza e a falta de direitos sociais para criar seus filhos e evitar que sejam absorvidos pelo tráfico e pela criminalidade, que assombra as favelas brasileiras. A repercussão da voz negra feminina, que se enuncia com mais força, só foi possível, porque outras mulheres negras subverteram a severa ordem do patriarcado colonialista e abriram caminho para que o feminismo negro, orientado pelo pensamento interseccional, pudesse existir e atuar na promoção de melhores condições vida para as mulheres negras e para toda a sociedade, pois como afirmou Akotirene (2019), a interseccionalidade é uma metodologia criada pelo feminismo negro e funciona como localizador de experiência do racismo interceptado por outras matrizes de opressão. Assim, o pensamento interseccional não se ocupa em somar identidades ou hierarquizar matrizes de opressões:

A sensibilidade analítica - a interseccionalidade impede reducionismos da política de identidade – elucida as articulações das estruturas modernas coloniais que tornam a identidade vulnerável, investigando contextos de colisões e fluxos entre estruturas, frequência e tipos de discriminações interseccionais (AKOTIRENE, 2019, p. 59).

Os poemas brevemente apresentados revelam um projeto literário centrado no feminismo negro, por abordar pautas das mulheres negras que dão visibilidade e voz ao grupo marcado pela interação de estruturas opressoras, de conhecimento da Interseccionalidade. Ao trazer a memória coletiva, de vivências negras, em seus poemas, Evaristo resgata a história apagada, reescrevendo-a, e marca a ancestralidade africana, como forma de retorno às origens e de resgate da identidade esmagada pelo colonialismo capitalista.

As palavras poéticas de Conceição Evaristo não têm apenas valor artístico, mas também são palavras insurgentes que denunciam e protestam contra as opressões geradas pelo racismo estrutural e pelo sexismo. Evaristo apodera-se e empodera-se com a linguagem poética para se fazer ouvir, mostrando a capacidade criativa e intelectual de pessoas negras, em resposta ao discurso equivocado sobre a suposta deficiência intelectual dos negros e negras, o qual foi sustentado por muito tempo por diversas correntes científicas e políticas eugenistas, como estratégia de dominação e exploração. Sua escrita se constitui uma arma poderosa no combate ao sistema de poder que inviabiliza e invalida saberes produzidos por mulheres e homens negros.

## REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Pólen, 2019 (Coleção Feminismos Plurais).
- CARNEIRO, Sueli. *Escritos de uma vida*. São Paulo: Polén Livros, 2019.
- COLLINS, Patricia. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. Trad. Jamile Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019.
- DALCASTAGNÈ, Regina. *A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990 – 2004*. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, n. 26, 2005. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9077/8085>. Acesso em: 20 de junho de 2020.
- DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. Trad. Heci Regina Candiani. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2016.
- EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afrobrasilidade *Scripta*, Belo Horizonte, v 13, n. 2, 2º sem. 2009, p. 17-31. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4365>.
- EVARISTO, Conceição. *Poemas de recordação e outros movimentos*. 3. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2017.
- GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*. Anpocs. p.223-244. 1984.
- HOOKS, bell. *O feminismo é para todo o mundo: políticas arrebatadoras*. Trad. Ana Luiza Libânio. 2 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2018.
- MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. Maria Firmina dos Reis: invisibilidade e presença de uma romancista negra no Brasil do século XIX ao XX. In: REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*. São Paulo: Penguin Clássicos / Companhia das Letras, 2018.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio no movimento dos sentidos*. 6. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*. São Paulo: Penguin Clássicos / Companhia das Letras, 2018.

SANTOS, Donizeth. Representações da Mãe-África nas poesias moçambicana e afro-brasileira. *Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF*, Niterói, v. 5, n° 9, p. 67-78, Nov. de 2012. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5616549.pdf>. Acesso em 13 abr. 2020.

SILVA, Marcos Fabrício Lopes. Por uma poética da ancestralidade. In: CÔRTEZ; Cristiane; DUARTE, Constância LIMA; PEREIRA, Maria do Rosário A.. *Escrevivências: identidade e violência na obra de Conceição Evaristo*. 2. ed. Belo Horizonte: Ideia, 2018.

SOUZA, Florentina. Literatura Afro-Brasileira: algumas reflexões. *Revista Palmares: Cultura Afro-Brasileira*. Brasília: Ministério da Cultura/ Fundação Cultural Palmares, Ano 1, n°2, 2005, p.64-72. Disponível em: [file:///C:/Users/Sumica/Downloads/LIT%20AFR%20BRAS%20FLORENTINA%20SOUZA%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Sumica/Downloads/LIT%20AFR%20BRAS%20FLORENTINA%20SOUZA%20(2).pdf). Vários acessos.

**Recebido em:** 05/11/2020

**Aprovado em:** 15/12/2020

**Publicado em:** 31/12/2020